

HERMANN HESSE

DEMIAN

Tradução de IVO BARROSO

22ª EDIÇÃO

Título original alemão DEMIAN

Copyright © 1925 by Hermann Hesse
Todos os direitos reservados por Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main

DEMIAN

Desde seus primeiros livros Hesse conquistou um lugar certo ao lado dos maiores autores alemães de seu tempo e, com a tradução de suas obras para idiomas estrangeiros, tornou-se um nome consagrado em todo o mundo. Um fato a destacar foi o verdadeiro fascínio que o idealista escritor exerceu sobre as gerações posteriores à I Guerra Mundial, inquietas e perdidas em contradições.

Em *Demian* o autor narra, com grande sentido humanitário, o crescimento para a maturidade de Emil Sinclair, que sucumbe à influência de Max Demian, uma figura estranhamente possessiva. À medida que Sinclair progredia, através de uma educação ortodoxa e um misticismo filosófico que o encaminhavam em direção ao estado de autocompreensão, ele tinha sempre diante de si a imagem de Demian... até chegarem ao clímax de uma confrontação com o destino num sangrento campo de batalha.

Consideram muitos críticos internacionais que, pelo poder que teve de influenciar tantas gerações de leitores, *Demian* é das obras mais importantes de toda a bibliografia do excepcional escritor.

OBRAS DO AUTOR

A ARTE DO OCIOSOS

CAMINHADA

CORRESPONDÊNCIA ENTRE AMIGOS (Com Thomas Mann) DEBAIXO DAS RODAS

DEMIAN

ESTE LADO DA VIDA

GERTRUD

HISTÓRIAS MEDIEVAIS

O JOGO DAS CONTAS DE VIDRO

KNULP

O LIVRO DAS FÁBULAS

O LOBO DA ESTEPE

MENINO PRODÍGIO

MINHA FÉ
NARCISO E GOLDMUND
NARRATIVAS
OBSTINAÇÃO
PARA LER E GUARDAR
PARA LER E PENSAR
PEQUENAS ALEGRIAS
PEQUENO MUNDO
ROSSHALDE
SIDARTA
SOBRE A GUERRA E A PAZ
SONHO DE UMA FLAUTA E OUTROS CONTOS
TRANSFORMAÇÕES
O ÚLTIMO VERÃO DE KLINGSOR
VIAGEM AO ORIENTE
VIVÊNCIAS

DEMIAN

Este romance de Hermann Hesse, que tão decisiva influência exerceu sobre toda uma geração há várias décadas, como todas as obras-primas tem uma mensagem de perene interesse. No consenso da crítica literária internacional, o mais espetacular sucesso de Hesse e um dos maiores livros deste século.

SUMARIO

Nota do tradutor	4
Introdução	9
I Dois mundos	11
II O sinal de Caim	28
III O mau ladrão	46
IV Beatrice	64
V A ave sai do ovo	83
VI A luta de Jacó	98
VII Eva	117
VIII O princípio do fim	138

Nota do tradutor

Demian, escrito em 1919, é o primeiro grande livro de Hermann Hesse no caminho que o conduz a *Der Steppenwolf* (O Lobo da Estepe) — sua indiscutível obra-prima de 1927 — e do qual *Sidarta*, que aparece em 1922, constitui a etapa intermediária. Pode-se dizer que o Harry Haller, de *O Lobo da Estepe*, é o Emil Sinclair, de *Demian*, na maturidade.

O arranque representado por *Demian* é, entretanto, mais significativo se se tem em conta seu valor de quebra-diques na própria contenção formal e emotiva da obra de Hesse. Até então, a despeito dos gritos convencionais de revolta contra a educação coercitiva do novecentismo germânico, representados por *Peter Kamenzind* (1904) e *Unterm Rad* (Debaixo das Rodas — 1906), seus escritos estratificam o burilar correto e neo-romântico de um mestre-escola provinciano, pontilhado de descrições de um gosto artífice, mas onde o olhar se coloca numa posição alpina, de contemplação para baixo, paisagística. É exatamente com *Demian* que o enfoque se modifica: a contemplação se volta para si mesma e vai buscar no interior do próprio personagem a visão multilateral do mundo; a perspectiva se intromete na própria vivência autobiográfica e o autor ousa ser ele e proclamar sua mensagem. Esse novo elemento até então ausente da obra literária de Hesse transforma por completo sua essência: de estilista requintado, mas restrito, se torna um dos valores mais originais e profundamente humanos da literatura alemã da primeira metade do século.

"Quem quiser nascer tem que destruir um mundo" — eis a mensagem — destruir no sentido de romper com o passado e as tradições já mortas, de desvincular-se do meio excessivamente cômodo e seguro da infância para a conseqüente dolorosa busca da própria razão de existir: ser é ousar ser — o que Gide levaria às últimas conseqüências em sua obra, marcadamente em *Os Subterrâneos do Vaticano*. O conflito entre a dualidade "mundo luminoso" (ideal) e "mundo sombrio" (real) por que tem de passar Sinclair para o encontro ou a edificação de sua personalidade é o tema central do livro; tema que se teria prestado, como inúmeras obras românticas da época, a um estado sentimental de rebeldia, infrutífero e estanque, no qual essa dualidade de impulsos não conduz a qualquer síntese ou solução, mas que em Hesse, entretanto, se equaciona "na aceitação e na afirmação da própria personalidade em toda a sua humana plenitude de tendências antitéticas e inconciliáveis, inevitavelmente coexistentes num trágico dinamismo psíquico". E ainda mais que uma história ou romance de educação é o relato de um processo de *deseducação*, ou *preferindo-se, de reeducação de laborioso apagar das pegadas que o puritanismo educacional deixa impressas na alma adolescente: a timidez, a humildade, o alheamento — armas obsoletas com a hostilidade do mundo real — e que conduzem, mais tarde, inapelavelmente à solidão e à inadaptabilidade, à surda revolta e ao amargo constrangimento*.

O livro reflete, obviamente, a tendência do introduzir na literatura a doutrina de Freud, que estava na ordem do dia, e da qual Hesse era um apaixonado estudioso, tendo-se posto inclusive aos cuidados do Dr. J. B. Lang, psicanalista de Lucerna, quando vítima de crise de neurastenia que lhe sobreveio após a Primeira Guerra Mundial. Daí a presença constante do onirismo na obra, de um certo entrevelado complexo de Édipo (aqui exposto através de um sutil mecanismo de transferência), de permeio com reminiscência de estudos de ciências antigas e herméticas, auridos na intimidade da biblioteca do avô materno.

No caso de Hesse, mais do que na maioria dos autores, um conhecimento biográfico se faz necessário à boa compreensão dos elementos surpreendentes de sua natureza. Descendente de família suábica, criado no mais rígido rigorismo religioso — o pai, erudito famoso de história religiosa; a mãe, filha de missionário, nascida e educada na Índia; o avô, Hermann Gundert, indianista de renome — Hermann Hesse nasce em 2 de julho de 1877, em Calw, pequena cidade do Wurtemberg, na Floresta Negra. Desde logo destinado à carreira eclesiástica, passa pela levedura espiritual e a constrição educativa de quatro seminários, donde egressa para tornar-se aprendiz de relojoeiro e, mais tarde, auxiliar de livreria, em Basileia e Tübingen.

Essa reação à vida religiosa -e firme obstinação de se tornar poeta (aos treze anos tinha por divisa: "serei poeta ou nada") é explicada por seu biógrafo, Hugo Bali, como uma fixação pela poderosa personalidade de sua mãe, contista de sensibilidade, cuja figura ("bela voz clara e sonora") imprime-se na alma do jovem de maneira tão marcante quanto a imagem da "mulher ideal". O contato com o mundo livreiro proporciona-lhe a oportunidade de publicar, em 1899, seus *Romantische Lieder*, (*Cantos Românticos*) e, cinco anos mais tarde, sua primeira novela, *Peter Kamenzind*, que logo alcançou numerosas edições, permitindo ao poeta libertar-se da ocupação burguesa para entregar-se exclusivamente à literatura. Nesse mesmo ano (1904), transfere-se com a primeira esposa para Gaehhofen, às margens do lago Constança, na fronteira germano - suíça. Data dessa época sua colaboração na revista *März*, de Munique, cujo diretor Theodor Heuss, combate o poder pessoal de Guilherme II; os artigos de Hesse, entretanto, correspondem mais a uma atitude democrática e liberal, do que a um compromisso partidário, o que nunca teve.

Em 1911, "por necessidade interior", empreende uma viagem à Índia, berço de sua mãe, e que exerce sobre ele a atração de uma pátria espiritual e misteriosa; a viagem, entretanto, não lhe proporciona o esperado deleite. Em 1914, transfere-se para Berna, onde vai surpreendê-lo a declaração de guerra, em relação à qual Hesse assume, desde o início, uma atitude intelectual de absoluta neutralidade. O entusiasmo guerreiro de seus compatriotas poetas leva-o a escrever o artigo "Ó amigos, abstende-vos desse tom", que lhe acarreta uma onda de incompreensão e repulsa semelhante à que avassalou Romain Rolland.

Data dessa época sua crise nervosa, decorrente não só da conturbada situação mundial, mas ainda do agravamento da enfermidade psíquica da esposa. A separação do casal é inevitável. Hesse fixa-se ao sul dos Alpes e descobre em 1919 a Colina D. Oro, a sudoeste de Lugano. Nessa fase, excursiona pela pintura, fazendo aquarelas, e o trato com as cores vai impressionar vivamente sua obra, transparecendo inclusive nas páginas deste livro. Data dessa época também o encontro de sua segunda esposa, Ruth, vínculo que teve, aliás, breve duração. Em 1923, adota a cidadania suíça e encontra finalmente tranqüilidade, junto à terceira esposa, para empreender a obra principal de sua vida, coroada com o aparecimento, em 1943, de *Das Glasperlenspiel* (*O Jogo das Contas de Vidro*), onde expressa um apurado conhecimento musical.

Durante os anos da Segunda Grande Guerra, acolhe refugiados do regime nazista e encontra as portas literárias da Alemanha novamente fechadas para a sua obra. Em 1946, obtém o prêmio Nobel de Literatura, principalmente em razão de sua obra poética, mas a saúde débil não lhe permite ir a Estocolmo recebê-lo pessoalmente. Falece em 1962, aos 85 anos de idade.

De posse desses elementos, fácil nos é perceber quanto as figuras de Sinclair, Demian e Pistórius encerram do próprio Hesse, não passando de sínteses ou projeções de suas

vivências. Sinclair, mais do que todos, é o êmulo real do autor: a mesma infância, o mesmo ambiente parental, a mesma inadaptabilidade ao mundo cotidiano. Demian será talvez o Hesse ideal, o que gostaria de ter sido, decisivo, homem do destino, marcado pelo sinal de Caim. Também Pistórius é um heterônimo de Hesse, organista na vida real, filho de teólogo, guia de outrem mas incapaz de encontrar o próprio caminho. Tudo indica, ainda, ter servido para o vigoroso retrato de Eva a significativa figura da própria mãe do poeta.

Cabe uma palavra final sobre a atitude de Hesse em relação à guerra e à comunidade. Pode parecer hoje um tanto superado o desprezo pela coletividade demonstrado por Sinclair, passível de confundir-se com um sucedâneo da torre de marfim. Mas o que Hesse realmente ataca é a aceitação do rebanho, permeável a influências externas, capaz de ser levado à guerra na ilusão de estar praticando um ato heróico. A atitude não está certamente isenta de alguma aristocracia intelectual, mas formulada antes no sentido do culto do individualismo enquanto útil, capaz de encontrar o destino, do que no isolamento gratuito e inaplicável. Hesse rebela-se contra a uniformização; não é a massa que o impressiona, mas os processos de submissão, de estandardização a que ela se submete. Ergue um canto de glorificação ao indivíduo consciente de si mesmo e de seu próprio caminho e execra o morticínio capaz de destruir com uma simples bala esse experimento único e insubstituível da natureza: o homem.

Ivo Barroso

DEMIAN

Queria apenas tentar viver aquilo que brotava espontaneamente de mim. Porque isso me era tão difícil?

Introdução

PARA relatar a história de minha vida, devo recuar alguns anos. Se me fosse possível, deveria retroceder ainda mais, à primeira infância, ou mais ainda, aos primórdios de minha ascendência.

Os poetas, quando escrevem novelas, costumam proceder como se fossem Deus e pudessem abranger com o olhar toda a história de uma vida humana, compreendendo-a e expondo-a como se o próprio Deus a relatasse, sem nenhum véu, revelando a cada instante sua essência mais íntima. Não posso agir assim, e os próprios poetas não o conseguem. Minha história é, no entanto, para mim, mais importante do que a de qualquer outro autor, pois é a minha própria história, e a história de um homem — não a de um personagem inventado, possível ou inexistente em qualquer outra forma, mas a de um homem real, único e vivo. Hoje sabe-se cada vez menos o que isso significa, o que seja um homem realmente vivo, e se entregam à morte sob o fogo da metralha a milhares de homens, cada um dos quais constitui um ensaio único e precioso da Natureza. Se não passássemos de indivíduos isolados, se cada um de nós pudesse realmente ser varrido por uma bala de fuzil, não haveria sentido algum em relatar histórias. Mas cada homem não é apenas ele mesmo; é também um ponto único, singularíssimo, sempre importante e peculiar, no qual os fenômenos do mundo se cruzam daquela forma uma só vez e nunca mais. Assim, a história de cada homem é essencial, eterna e divina, e cada homem, ao viver em alguma parte e cumprir os ditames da Natureza, é algo maravilhoso e digno de toda a atenção. Em cada um dos seres humanos o espírito adquiriu forma, em cada um deles a criatura padece, em cada qual é crucificado um Redentor.

Poucos são hoje os que sabem o que seja um homem. Muitos o sentem e, por senti-lo, morrem mais aliviados, como eu próprio, se conseguirem terminar este relato.

Não creio ser um homem que saiba. Tenho sido sempre um homem que busca, mas já agora não busco mais nas estrelas e nos livros: começo a ouvir os ensinamentos que meu sangue murmura em mim. Não é agradável a minha história, não é suave e harmoniosa como as histórias inventadas; sabe a insensatez e a confusão, a loucura e a sonho, como a vida de todos os homens que já não querem mais mentir a si mesmos.

A vida de todo ser humano é um caminho em direção a si mesmo, a tentativa de um caminho, o seguir de um simples rastro. Homem algum chegou a ser completamente ele mesmo; mas todos aspiram a sê-lo, obscuramente alguns, outros mais claramente, cada qual como pode. Todos levam consigo, até o fim, viscosidades e cascas de ovo de um mundo primitivo. Há os que não chegam jamais a ser homens, e continuam sendo rãs, esquilos ou formigas. Outros que são homens da cintura para cima e peixes da cintura para baixo. Mas, cada um deles é um impulso em direção ao ser. Todos temos origens comuns: as mães; todos proviemos do mesmo abismo, mas cada um — resultado de uma tentativa ou de um impulso inicial — tende a seu próprio fim. Assim é que podemos

entender-nos uns aos outros, mas somente a si mesmo pode cada um interpretar-se.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Dois mundos

COMEÇO a minha história por um fato acontecido quando tinha dez anos e freqüentava a escola particular de minha pequena cidade natal. Muitas coisas daquele tempo ainda exalam para mim certo perfume e irradiam em mim uma suave melancolia associada a gratos temores: ruas sombrias ou iluminadas, casas e torres, o soar dos relógios e faces humanas, aposentos repletos de comodidade e de cálido bem-estar, aposentos cheios de mistério e de um profundo medo de fantasmas. Odor de cálida intimidade, de coelhos e criadas, de remédios caseiros e de frutas frescas. Dois mundos diversos ali se confundiam; o dia e a noite pareciam provir de pólos distintos.

Desses dois mundos, um se reduzia à casa paterna, e nem mesmo a abarcava toda; na verdade, compreendia apenas as pessoas de meus pais. Esse mundo era-me perfeitamente conhecido em sua maior parte; suas principais palavras eram papai e mamãe, amor e severidade, exemplo e educação. Seus atributos eram a luz, a claridade, a limpeza. As palavras carinhosas, as mãos lavadas, as roupas limpas e os bons costumes nele tinham centro. Nele se cantavam os coros matutinos e se festejava o Natal. Nesse mundo havia linhas retas e caminhos que conduziam diretamente ao porvir; havia o dever e a culpa, o remorso e a confissão, o perdão e as boas intenções, o amor e a veneração, os versículos da Bíblia e a sabedoria. Nesse mundo devia-se permanecer para que a vida fosse clara e limpa, bela e ordenada.

O outro mundo começava — curioso — em meio à nossa própria casa, mas era completamente diferente: tinha outro odor, falava de maneira diversa, prometia e exigia outras coisas. Nesse segundo universo havia criadas e aprendizes, histórias de fantasmas e rumores de escândalo; havia uma onda multiforme de coisas monstruosas, atraentes, terríveis e enigmáticas, coisas como o matadouro e a prisão, homens embriagados e mulheres escandalosas, vacas que pariam e cavalos que tombavam ao solo; histórias de roubos, assassinatos e suicídios. À nossa volta havia todas essas coisas belas e espantosas, selvagens e cruéis; na rua ao lado, no interior da casa vizinha, policiais perseguiram ladrões; homens embriagados batiam em suas esposas; grupos de moças saíam das fábricas ao anoitecer; havia velhas que enfeitiçavam as pessoas ou lhes causavam desditas; no bosque se ocultava um bando de salteadores; os guardas florestais perseguiram ladrões e incendiários... enfim, por todo lado brotava e fluía esse outro mundo impetuoso, em todo lado, menos em nossos aposentos, ali onde estavam meu pai e minha mãe. E isso era magnífico. Era maravilhoso que ali em casa houvesse paz, ordem, repouso, deveres cumpridos e consciência tranqüila, perdão e amor...; mas era também admirável que existisse aquilo tudo mais: o estrepitoso e o agudo, o sombrio e o violento, de que se podia escapar imediatamente, refugiando-se quase de um salto no regaço maternal. O mais curioso é que ambos os universos se confinavam em estreita intimidade.

Por exemplo, quando Lina, a empregada, corria à sala de estar na hora das rezas vespertinas e ficava sentada junto à porta, as mãos muito bem lavadas descansando sobre o avental engomado, a entoar com voz clara os hinos religiosos, pertencia inteiramente ao mundo de meus pais, ao nosso, ao mundo luminoso e reto. Todavia, minutos depois, na cozinha ou no desvão da escada, quando me contava a história do anão sem cabeça, ou quando discutia com as vizinhas no açougue, já era outra; pertencia ao outro mundo, aparecia rodeada de mistério. Assim sucedia com tudo e com todos, e mais do que a ninguém, comigo mesmo. Eu, como filho dos donos da casa, pertencia, de imediato, ao mundo luminoso e reto; mas para onde quer que dirigisse a vista ou apurasse os ouvidos, ia dar sempre com o outro mundo e, portanto, nele também vivia, embora quase sempre me parecesse isso estranho e inquietante e acabasse por infundir-me pânico, turbando-me a consciência. Chegou a haver temporadas inteiras em que eu preferia viver naquele mundo proibido, e o retorno à claridade, ainda que necessário e conveniente, chegava a ser para mim quase que um retorno a algo menos belo, mais vazio e aborrecido. Às vezes, me dava conta de que meu objetivo na vida era o de chegar a ser como meus pais, tão claro e puro, tão reflexivo e ordenado. Mas o caminho que conduzia àquela meta era demasiadamente comprido; para chegar a ele, era necessário passar por muitas aulas, havia que sofrer e estudar para muitas provas e muitos exames; além disso, o caminho seguia sempre bordejando aquele outro mundo mais escuro e às vezes nele penetrava, não sendo de todo impossível que nele alguém permanecesse e sumisse em suas sombras proibidas. Havia histórias assim, de filhos transviados, que eu lia com verdadeira paixão. O que nelas mais louvava, o que redimia toda a culpa, era o retorno ao lar paterno, ao bem, e me certificava de que essa era a única atitude legítima, boa e desejável; não obstante, atraía-me muito mais a parte da história que se desenrolava entre as gentes perversas e a conduta dos perdidos, e, se isso fosse possível, ter-me-ia confessado que às vezes era uma verdadeira lástima que o filho pródigo se arrependesse e voltasse para casa. Mas isso não se podia dizer, nem mesmo em pensamento. Não era em mim mais do que um vago sentimento, oculto no mais íntimo de meu ser, algo assim como uma suspeita ou uma obscura possibilidade. Quando pensava no Diabo, podia imaginá-lo a andar pelas ruas, mascarado ou com a face descoberta, no mercado ou nas tabernas, mas nunca em nossa casa.

Minhas irmãs pertenciam igualmente ao mundo luminoso. Sua textura espiritual me parecia ainda mais próxima do que a minha da de nossos pais. Era melhores, mais judiciosas e perfeitas do que eu. Tinham seus pequenos defeitos, suas manhas; mas, a meu ver, tudo aquilo não passava de algo superficial, nelas não se aprofundava tanto quanto em mim. Eu me considerava muito mais próximo do mundo obscuro, e o contato com o mal se fazia sentir em mim muitas vezes por uma dolorosa angústia.

Para com as irmãs dever-se-ia ter os mesmos respeitos e atenções que se dedicava aos pais, e quando se brigava com elas, a gente sentia, pouco depois, na própria consciência, ter sido o culpado, o promotor da discórdia, e que devia pedir-lhes perdão, pois ofendendo as irmãs se ofendia aos pais, ofendia-se ao bem e à autoridade espiritual. Havia segredos que eu podia compartilhar com os moleques mais despidos da rua, mas não com minhas irmãs. Nos bons tempos, quando tudo era lúcido e a consciência repousava tranqüila e limpa, era delicioso brincar em sua companhia, ser bom e judicioso com elas e sentir-se envolto em um nobre e plácido esplendor. Assim deviam sentir-se os anjos, nos quais víamos a perfeição suprema, imaginando a doce maravilha de ser anjos, rodeados de músicas e odores suaves, como os que emanam do Natal e da felicidade. Mas aqueles dias, aquelas horas, eram mui pouco freqüentes. Nos brinquedos com minhas

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

